

5-884

1
4
1
22

1
4
1
22

4 Composi
cat

400

RIMAS
DE
JOAQUIM SEVERINO FERRÁS
DE CAMPOS,
SÓCIO DA ACADEMIA
DE
BELLAS LETRAS DE LISBOA;



3 JUN 12



LISBOA. M. DCC. LXXXIV.

NA Of. de SIMÃO THADDEO FERREIRA;

*Com Licença da Real Meza da Comissão Ge-
ral sobre o Exame e Censura dos Livros.*

A. P. Fernandes Thomaz

R I M A S

DE

JOAQUIM FERREIRO FERREAS
DE CAMPOS,

SOCIO DA ACADEMIA

DE

BELLAS LETRAS DE BRASILA



3-JUN-12



ESTADO N. DOG. LXXXIV

NA OF. ASSIMILAO THEODO FERREIRA

Com a ordem do Hon. Sr. Ministro da Instrução e
das Letras e Artes e do Sr. Ministro das Finanças



SONETO I.

LILIA ? Lilia ? onde estás ? Porque de Alcino
 Aos ternissimos áis negas ouvidos ?
 Já o lúgubre sôm dos meus gemidos
 Teu dócil coração tornou ferino ?

Onde te occulta o barbaro Destino
 Encanto da minha alma , e meus sentidos ;
 Que a meus olhos de pranto amortecidos
 Negas teu álvo rosto peregrino ?

Quem he ? Quem he , que te suspende os passos,
 Que encher não vens esta alma de ternura ,
 Teu corpo unindo a meus grosseiros braços ?

Mas ah ! Lilia tão bella , quanto dura ,
 Se intentas desatar tão finos laços ,
 Tréme do horrivel nome de perjura.

M O T E.

Magoados suspiros , brandas queixas.

S O N E T O II.

Lilia gentil , Pastora idolatrada ,
De meu pranto , e meus ais cruel motora ,
Tem compaixão de hum triste que te adora , *
Cuja alma existe de afflições cercada.

Não sejas , não , comigo despiedada ,
Que he desdoiro ser bella , e ser traidora ;
Tem parte na afflição que me devora , *
Lilia gentil , Pastora idolatrada.

E tu ingrata surda ao meu lamento ,
Entregue ao meu pezar assim me deixas ,
E vês sem dó crescer o meu tormento ?

Mas debalde a meus ais ouvidos feixas ; *
Que aonde fores levar-te-ha o vento
Magoados suspiros , brandas queixas.

SO-

Este Soneto foi feito pelo Author , e por outro Socio repentinamente a dois Versos cada hum os que pertencem ao Author vão signalados com huma *

M O T E.

A boca negra , os dentes amarelos.

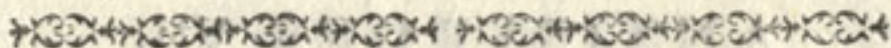
S O N E T O III.

Cansado de chorar adormecia
 A' sombra d'alta Faia o triste Alcino ;
 Eis-que ante os olhos seus vê o Destino ,
 Que com horrída voz assim dizia :

Mortal insano , em quem de dia , em dia ,
 Cresce a vorás paixão d'Amor maligno ,
 Sabe que intenta meu poder divino
 Lançar-te ás garras da Desgraça impia :

Isto disse : e nos áres sibilando
 Vejo a Desgraça c'hum tropél de Zêlos ,
 Negra espuma das fáuces vomitando.

De pavôr se me eriçáo os cabellos ;
 E o monstro foi no sangue meu banhado
A boca negra , os dentes amarelos.



ODE PINDARICA.

Ao Grande Affonso de Albuquerque.

ESTROFE I.

E Gregia Nynfa , que do fulvo Apóllo
 Ao lado Sacrosanto ,
 Sôar fizestes a'hum , e n'outro pôlo
 Do célebre Camões o immortal canto ;
 Faze que eu possa tanto ;
 Dá-me desta arte o dom raro , e profundo ,
 Sôem meus versos pelo vasto Mundo.

ANTISTROFE I.

E U não pertendo , qual Orfeo canóro
 Entrar no Reino escuro ,
 Onde sempre resoa amargo choro ;
 Nem qual Amfion erguer Thebano muro.
 Quero para o futuro ,
 Que meus cadentes versos soberanos
 A' furia escapem dos vorazes annos.

EPO-

E P O D O I.

CAnto as acções famosas
 D'Albuquerque terrível, cuja gloria
 Faz esquecer Romana, e Grega historia.
 Vós, Nações bellicosas
 Do Oriente, em susto inda submerso,
 Fallai por mim aos póvos do Universo.

ESTROFE II.

Musa, guiemos o baixel doirado
 D'Ormuz á rica praia:
 De pelouros lá vejo o ar coalhado,
 Primeiro que Albuquerque em terra saia.
 Esconde-se, e desmaia,
 Entre nuvem de fumo espessa, e negra,
 De Febo a face, que os mortaes alegra.

ANTISTROFE II.

AO fuzilar da grossa artilheria
 D' estragos, e ruinas,
 Que em toda a parte a morte difundia,
 Se coalhão de Nereo azuis campinas.
 As vencedoras Quinas
 Ledas tremulão na Européa frota:
 Persegue a tudo o mais fatal derrota.

E P O D O II.

CO' as vagas espumantes
 Lutáo Arabes, Persas derrotados,
 Das suas proprias séttas traspassados
 Os peitos arquejantes:
 Qual n'outro tempo o Gráo Pelaio o vira,
 Domando de Alcamán a feróz ira. (1)

ES-

(1) Alcamán Capitão de 87 Mouros a quem ElRei Pelaio venceu na cova de Santa Maria, achando se os Mouros feridos das suas proprias armas. O mesmo succedeo a Affonso d' Albuquerque em Ormuz.

ESTROFE III.

JA' cede á furia de Mavorte horrendo
Ceifadim orgulhoso.

Eis a vitoria nas azas desprendendo
Mal vibra Affonso o braço procelloso.

Mas novo emprego honroso,
D'Ormúz, aonde nova gloria alcança,
O faz partir nas azas da vingança.

ANTISTROFE III.

Qual sanhudo Leão, que embravecido
Os bosques atravessa;

E quanto se lhe oppõe deixa rendido,
Sem que da ira o fogo se arrefessa;

Tal feróz se arremessa
Sobre Java, e Mascate o Heroe prestante;
Lá sóbe ao Ceo a labareda ondeante.

E P O D O III.

Que prantos! Que alaridos
 Se ouvem por entre as crepitantes chammas?
 Quantos cruenta Irinis não derramas
 Estragos desabridos,
 Nesses barbaros Póvos Indianos;
 Entregues ao furor dos Lusitanos.

ESTROFE IV.

ONor, socotará, soar, Narlinga,
 Ei-las agrilhoadas
 Aos pés daquelle, que feróz se vingá,
 De quantas já soffreo ímpias ciladas.
 Co' as espadoas rasgadas
 Lá vão fugindo os perfidos Malaios,
 Do Luso Marte aos furibundos raios.

ANTISTROFE IV.

Qual rebanho medroso, que espantado
 Das feras foge á ira,
 Tal o barbaro Povo a medrontado
 A's desertas Campanhas se retira.
 Mas nova acção, ó Lyra,
 Me faz virar a fulgurante prôa;
 Novos triunfos vamos ver em Gôa.

E P O D O IV.

NAs duras alabardas
 Lá vôa a morte a cem diversas partes;
 Lá se aluem soberbos baluartes,
 Das horridas bombardas
 Ao rouco som, que faz tremer os montes,
 E abafa em negro fumo os Horizontes.

ESTROFE V.

TU soberbo Hidalcão , de infamia cheio ,
 A teu pezar o viste ,
 Quando nas leves azas do receio
 Aos duros golpes , sem podôr , fugiste.
 Largo tempo carpiste ,
 Mas sem remedio , irreparaveis danos ,
 Que te causarão féros Lusitanos.

ANTISTROFE V.

MAs que Espectro de horrivel catadura ,
 Pallido , e descarnado ,
 Vibra contra Albuquerque a foice dura !
 E's tu , ó Morte , a cujo horrendo brado
 Treme o Mundo assustado ?
 E's tu , és tu , que vens furtar á terra
 O assombro do Oriente , o Herôe da guerra.

E P O D O V.

DE quem vencer te soube
 Tu, ó Gôa, carpiste a infausta morte;
 Porém hum alto assumpro, inda mais forte,
 A' minha Lyra coube:
 Meus versos mandáo á futura idade
 Dos triunfos d'Affonso a immensidade.

A's

Recitada na Academia de Bellas Letras de
 Lisboa, na Sessão que em 24 de Janeiro de 1794,
 se celebrou em memoria deste Grande General.

E quasi delirante,
 Estava em seus pezares meditando,
 Os olhos levantando,
 Vendo os remos quebrados
 Co' as redes sobre as ondas misturados,
 E o batel submergido,
 Novamente affligido,
 Novamente cercado de agonia,
 D'esta arte a lamentar-se principia:

Numes, que mais quereis de hum desgraçado?
 Que mais quereis de mim? Tendes em pouco
 As penas que me tem Amor causado?

Estou de suspirar cançado, e rouco;
 E aqui no meio desta praia nua
 De pensar em meus males quasi louco.

Tres vezes tem mingoado a branca Lua,
 Sem que á força de lagrimas saudosas
 O meu acerbo mal se diminua.

Té deste rio as agoas bonançosas
 Soberbas contra mim se conspirarão,
 Sem ouvir minhas queixas lastimosas.

O meu pobre batel dismantelarão;
 E as redes com que a vida eu grangeava
 Naquella rócha, alli se espedaçarão.

Oh Ceo , que lhe agitaste a furia brava ,
 Dize , em que provoqueei os teus furores ?
 Hum triste , hum desditoso em que te agrava ?

Barco , e redes perdi , ó Pescadores ;
 Mas que importa perdesse barco , e redes ,
 Se já Lilia me nega os seus favores.

Cruel , que em variedade ao vento excedes ,
 Ver teu semblante , mais que o Sol formoso ,
 Por que razão a quem te adora impedes ?

Ah ! senega teu peito cavilloso ,
 Os ternos votos que de amar-me ha feito ,
 Trema que falle este penhasco annosó.

Quantas vezes , ingrata , a meu respeito
 Surgiste nesta praia ? Quantas , quantas ?
 Me apertaste esta mão no falso peito ?

Hoje esquecida de finezas tantas ,
 Sepultada na gruta transparente ,
 Nem á flor d' agoa o cóllo já levantas.

Já te não lembras quando ousadamente ,
 Lançando-me daquella ròcha a nado
 De coral te apanhei ramo excellente.

Quantas vezes no curvo anzol farpado ,
 Eu te guardei , ò Lilia , inda saltando ,
 O Salmonete , e o Barbo prateado.

Mas teu peito, que então me olhava brando,
 Hoje mais duro, que huma rocha dura,
 Zomba dos ternos ais, que estou soltando.

Ah vem, vem serenar, ó Nynfa pura,
 Estas ondas, que ha pouco desfizerão
 C'o meu pobre batel minha ventura.

Olha como depressa obedecêrão!
 Só por ouvir teu nome o vento, e as agoas
 Serenas como d'antes se pozerão.

Só não vens mitigar as minhas mágoas,
 Barbara Lilia, Lilia deshumana;
 Recreas-te com ver-me em tantas frágoas?

Deixa comigo já de ser tyranna;
 E ao menos por me dares gosto hum dia,
 Com falsas expressões meo peito engana.

Mas que me finge a errada fantasia!
 Lilia, Lilia cruel, tu não me escutas,
 O teu prazer he só minha agonia.

Enchem-se de piedade as féras brutas,
 Quando o éco dos meus ternos gemidos
 No concavo resôa dessas grutas.

E por mais que os dirija aos teus ouvidos;
 Os rigidos penedos desta praia
 Dão mais signaes que tu, de enternecidos.

Aqui, por vêr-te, estou como atalaia,
 Desde as rosadas horas matutinas,
 Té quando Febo lá no mar desmaia.

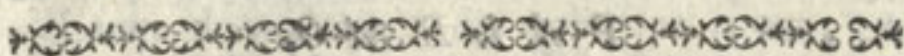
A's vezes gotejando as franças finas,
 Me figura o desejo ao longe ver-te
 Talhando o Mar co' as alvas mãos divinas:

Vê quanto, ó Lilia, soffro por querer-te,
 E se comigo foras mais clemente
 A vida dera só por não perder-te.

Mas para aqui remando brandamente
 Lá vem hum Pescador; lá vem chegando,
 Não quero de meu mal seja sciente.

Vou para aquella gruta caminhando,
 Onde não chega o raio matutino;
 E lá no centro della stispirando,
 Abrandarei co' a morte o meu Destino.





ECLOGA PISCATORIA II.

ALICUTO, e PALEMO.

ALICUTO.

Palemo, agora que o Nordeste frio
 Com sopro mais suave, e socegado
 Encrespa as claras agoas deste rio;

Deixando nesta rocha o barco atado,
 Na ruiva arêa as redes estendâmos
 Para que as enxugue o Sol doirado;

E em quanto que se enxuguem esperamos,
 Da loira Galatêa, e meiga Olaia,
 Nossos ternos amores cantar vamos.

Daquella gruta em torno o Téjo espraia;
 Alli sem turbação cantar podemos,
 Até que o loiro Sol nas ondas caia.

Eia, caro Palemo, comecemos,
 Ao doce Amor que o peito nos inflamma
 Mil sonorosos versos tributemos.

P A L E M O.

Quem soffre do ciume a negra chamma,
Caro! Alicuto meu, cantar não pôde,
Continuamente lagrimas derrama.

Nem julgues possa haver quem se accommode
Com ciume a cantar, porque he sabido,
Que o ciume ao prazer de si sacode.

Já com assombro foi meu Canto ouvido;
Mas hoje nestas grutas pavorosas,
Chóro os estragos, que me fez Cupido.

Do meu socego as horas preciosas,
Voarão no momento em que avistei
De Galatéa as faces melindrosas.

Escravo desde então d'Amor fiquei;
Quem dissera! que havia captivar-me;
Quem nunca obedeceo d'Amor á lei.

Pensa a cruel sómente em desprezar-me;
E eu vendo que não logro os seus agrados,
Da propria vida chego a desgostar-me.

Daquelles dois penedos escalyados,
Que ao longe vês do Téjo sobranceiros,
E das ceruleas ondas solapados,

Se não me acode a chusma dos Barqueiros,
Lançando-me outro dia sobre as agoas,
Cortára á vida os fios derradeiros.

Assim findar queria as minhas mágoas
Co' a morte, unico allivio dos amantes,
Que soffrem do ciume as vivas frágoas.

D'ouvir os meus suspiros incessantes
Vejo mofar os outros Pescadores,
Porque eu delles tambem mofava d'antes.

Em fim corrido estou de ter amores;
Desamparo, Alicuto, esta ribeira,
Vou ver se encontro abrigo entre os Pastores.

A L I C U T O.

Quão socegado aqui, quão sem canseira,
Ha poucos tempos, Pescador, vivias,
Antes de teres alma prisioneira.

Andavas sempre cheio de alegrias,
Folgayas de ajuntar-te c' os amigos,
Se elles cantavão, tu cantar querias.

Agora que te vês d'Amor nos prigos
Tudo te dá pezar, tudo amargura,
Queres fugir de nós como inimigos!

Ah

Ah deixa d'huma vez tanta loucura ;
 Desterra o teu pezar , comigo canta ,
 Porque não canta só quem tem ventura.

Que tu d'amor suspires , não me espanta ,
 Porém não posso crer , que assim desprezes
 Da Poesia o Dom , que tudo encanta.

Eu que da Sorte soffro ímpios revezes
 Allivio na Poesia tinha achado ,
 Não digo huma vez só , mas muitas vezes.

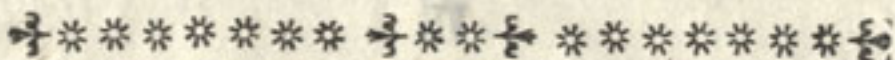
Em fim , Palemo , canta socegado ;
 E vê que para ouvir teu doce canto ,
 Parece o fulvo Têjo estar parado.

P A L E M O .

Antes que a noite estenda o negro manto ,
 Sómente por cumprir c'o teu desejo
 As vozes solto , que enrouquece o pranto.

Cruel perseguidor dos Ceos , e terra ,
 Pêrfido Amor tyranno ,
 Que sem cessar me fazes crua guerra ;
 Se hum anno , e outro anno ,
 Tenho passado ao pé dos teus altares ,
 Porque de mil pezares ,
 De zelos , e agonias ,
 Enches meus bruscos malfadados dias.

Quem



M O T E.

*Amor he alma da vida,
Coração da Natureza,
Doce imperio da belleza,
Porção d'alma desunida.*

G L O S A.

I.

Lilia ! Lilia ! Que receias ?
Porque amor não queres ter ?
Temes acaso gemer
Nas suas aureas cadeias ?
Ah concebe outras ideias
Da terna amorosa lida,
O Ceo a amar nos convida,
Na terra tudo amor tem,
Sem amor não ha ninguem,
Amor he alma da vida.

II.

He alma da vida Amor,
 Tudo por Amor existe,
 Ah Lilia, e quem lhe resiste,
 Resiste á dita maior.
 Por elle a viçosa flor
 Enche os prados da belleza,
 Tudo quanto a redondeza
 Em seu vasto seio encerra,
 Produz Amor, que he na terra
Coração da Natureza.

III.

E ainda, ó Lilia, te eximes
 Da terna amante paixão?
 Furtas inda o coração
 D'Amor aos suaves crimes?
 Se por systema reprimes,
 Quanto inspira a Natureza,
 Vê que Amor pune, e despreza,
 Quem lhe pertende usurpar
 O sublime, o singular,
Doce imperio da belleza.

Do que se contém neste Livro.

IV.

Falsas idéas, eu juro
 Formas, ó Lilia, d'Amor;
 Pensas que he Nume traidor,
 Tyranno, feroz, e impuro:
 Não, ó Lilia, eu te figuro,
 Isto que Amor se appellida,
 Ser Nume he cousa fingida,
 Segundo a razão ordena,
 Não he mais que huma pequena
Porção d'alma desunida.

F I M.

Um vez de nos acudir
E d' inimigos nos ajudar

Por hum pouco em mim os olhos
Vestis estas tres dores ;
Sempre lutando entre escotos,
Vos os mais colheitas dores,
Eu por todos como irmãos.

Se mais me mandarem do Tejo
Vilmente e estimo,
Fins formos de lobo ;
E a toda liberal mado
Sustentar seu desejo.

Este Acorde não, que digo
Pois vivo nos mizes d' estroho,
E que salvas as ao perigo,
Nada deprezo meu conselho,
Pois he conselho de amigo.

Nada mais dizer queria,
Quando ouvi vós d' Alvaro,
Que com grande tristia
Me chamava a ajudar o dano,
Que a meu lado hom' Edo queria.

Por ocello inaguardo
Sem poder dar mais passadas,
Deixar Acorde, e vos or gado
Achar o mal, e as-las
No conselho inaguardo.



300
200

500

